

# O esquadrão da dívida

Dos assessores que seguem com o ministro Bresser Pereira para os Estados Unidos, pelo menos dois já conhecem as dificuldades do processo: o ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, agora assessor especial do ministro para Assuntos de Dívida Externa, e seu antigo comandado no BC, o diretor da Área Externa, Antônio de Pádua Seixas. Os dois trabalharam juntos na equipe do ex-ministro Dílson Funaro, mas Pádua Seixas permaneceu depois da queda de Bracher.

Agora, eles voltam a se juntar no "ramo privado" da equipe de Bresser. E o grupo que vai a Nova Iorque, conversar com o comitê assessor dos bancos que representa os credores privados do Brasil. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, segue à frente desse grupo, com o respaldo da experiência de Bracher e Pádua.

A volta de Bracher à equipe da Fazenda chegou a surpreender. O ministro Bresser Pereira arriscou despertar a oposição do PMDB, que não gostava do ex-presidente do BC por causa da oposição dele à moratória de Funaro — que causou sua queda — e por sua origem de banqueiro privado. Mas a cúpula do partido não abriu fogo contra Bracher — o senador Mário Covas chegou a dizer que "se o ministro Bresser confia em Bracher, eu confio no ministro". E o ex-presidente do BC voltou, na posição privilegiada de principal estrategista da equipe da dívida. Segundo assessores, o ministro confia na amizade de 35 anos por Bracher, e na reputação de negociar duro que ele ganhou entre os credores privados.

O segundo "ramo" da equipe é o grupo que vai negociar com organismos internacionais e governos estrangeiros. Segundo assessores, o ministro Bresser Pereira quer dar uma atenção pessoal ao FMI, ao Banco Mundial e ao Clube de Paris, para desfazer o clima de confronto

criado pelo ex-ministro Dílson Funaro. Nessa tarefa, ele vai ter o apoio do ex-chanceler Saraiva Guerreiro, embaixador extraordinário para a renegociação da dívida, para os contatos políticos com governos, e do secretário de assuntos internacionais do MF, embaixador Rubens Barbosa, para as negociações com o Clube de Paris.

Bresser quer aproveitar a experiência diplomática de Guerreiro para tratar com os governos, dizem os assessores. E o ex-chanceler vai começar fazendo um roteiro pesado: depois de Washington, ele embarca para contatos em Londres, Paris, Bonn e Tóquio. Guerreiro sobrevive assim ao "congelamento" da controversa Comissão do Assessoramento Presidencial para a renegociação da dívida, criada no início do ano, e que se reuniu apenas uma vez, antes da queda de Funaro.

Fazem parte ainda da comitiva que vai ao Estados Unidos dois dos assessores mais próximos de Bresser: os economistas Fernando Dall'Acqua e Yoshiaki Nakano, os coordenadores da elaboração do Plano de Controle Macroeconômico que estará sendo apresentado aos credores. Nakano terá ainda uma missão especial: no fim de semana que vem ele vai a Tóquio, apresentar o plano às agências de cooperação japonesas, e ao governo. Nakano e Saraiva Guerreiro não deverão se encontrar em Tóquio. O embaixador vai chegar depois e está na Europa enquanto Nakano passar por Tóquio. Mas a concentração de esforços sobre os japoneses dá uma idéia da importância que o ministro Bresser Pereira atribui ao Japão, no processo de renegociação da dívida, e na reestruturação dos mercados financeiros internacionais. Afinal, nenhum outro país tem 30 bilhões de dólares disponíveis para aplicar em 3 anos, só nos países devedores.